

## EDITORIAL

---

O Brasil conseguiu implantar um considerável número de programas de pós-graduação *stricto sensu*: são 2.379 programas até 2006. E criou, até 2004, 19.470 grupos de pesquisa, concentrados principalmente nos meios acadêmicos. Além disso, o país ocupa um lugar de destaque no ranking de publicações científicas. Entretanto esses dados se contrapõem a uma produção tecnológica pouco significativa.

Uma das formas de avaliar o desenvolvimento tecnológico de um país está relacionada ao número de patentes obtidas. Como os Estados Unidos são um forte referencial de desenvolvimento tecnológico, o número de patentes concedidas pelo Escritório Americano de Propriedade Intelectual traduz a atuação tecnológica de vários países. Esse escritório concedeu de 1976 a 2005 aproximadamente 1.226.000 patentes a empresas dos EUA; 556.000 do Japão; 183.000 da Alemanha; 74.000 da França; 54.000 da Inglaterra; 39.000 do Canadá e 28.000 da Itália. O Brasil obteve, modestamente, 975 patentes.

Os grandes geradores de patentes são as indústrias, mas a indústria brasileira ainda agrega pouco valor tecnológico ao que produz. As primeiras indústrias surgiram no Brasil, no final do século XIX, com o aparecimento de tecelagens e metalúrgicas, mas foi na era Vargas, que realmente se implantou a indústria de base, isto é, produção de materiais que serviam de base para outras indústrias, como o aço (através da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN), o petróleo e seus derivados (pela PETROBRAS), a indústria química (com a Companhia Nacional de Alcalis), energia elétrica (ELETROBRAS), os recursos minerais (obtidos através da Companhia Vale do Rio Doce), além da Fábrica Nacional de Motores.

Atualmente, grande esforço é feito para transformar a indústria brasileira de base em indústria de especialidades. A título de destaque, cita-se um trecho do Editorial da revista Química Nova, da Sociedade Brasileira de Química, de Setembro/Outubro de 2003: “[...] a Indústria Química Brasileira,

com faturamento anual de 40 bilhões de dólares americanos também lidera o setor, sendo a segunda maior indústria química do continente americano. Entretanto, 50% do faturamento da indústria química brasileira é proveniente da produção de insumos químicos para uso industrial, ou seja, ‘indústria de base’. A aproximação pró-ativa da academia com o setor industrial/empresarial é de grande relevância estratégica para modificar o perfil de nossa indústria química, bem como para incrementar a componente tecnológica e de inovação na química acadêmica”.

Dada a natureza tecnológica da educação oferecida nos CEFET’s, cabe a esses centros um papel determinante no estabelecimento de um diálogo aberto e constante com o setor industrial, sem perder a sua vocação para atender as classes menos favorecidas. Ações neste sentido já estão em curso no CEFET-BA, através da política de cotas para os processos seletivos, dos projetos com Eletrobrás e outras empresas, além da publicação da Revista Educação, Tecnologia e Cultura (ETC).

Em seu quinto ano, a Revista ETC dá visibilidade ao que vem sendo desenvolvido nos grupos de pesquisa do CEFET-BA. Através da revista, a pesquisa transpõe os muros da Instituição, chega a vários grupos de pesquisa, estimulando parcerias científicas; chega também a empresas, divulgando a potencialidade de trabalhos em comum, e à sociedade, difundindo saberes e técnicas.

São perspectivas para a Revista ETC, a ampliação de sua tiragem e sua inserção no Sistema Qualis, da CAPES. Com esta meta, convidamos pesquisadores dos diversos programas de pós-graduação *stricto sensu* do país a submeterem artigos científicos para publicação na revista ETC.

**Núbia Moura Ribeiro**  
Coordenação de Pós-Graduação e  
Pesquisa do CEFET-BA